

O Apelo e a Retórica na Editoria Policial: o Discurso Persuasivo e o Imaginário a partir das Figuras de Linguagem atreladas ao Processo do Conhecimento¹

Isa Coelho STACCIARINI²
Universidade de Brasília (UnB)

Resumo

O presente artigo investiga as construções das narrativas de violência no jornal popular do Distrito Federal *Na Hora H*. O destaque é a análise a partir dos usos das figuras de linguagem. O objetivo é averiguar como a publicação da notícia contribui para a construção de sentido emocional pelo leitor. Serão analisados, ainda, paralelamente, quais significados imaginários o noticiário policial provoca na mente dos receptores. Os procedimentos de verificação aconteceram com base na linguagem que engloba expressões textuais, fontes, personagens, conflitos, significados imaginários e metanarrativa, seguindo a Análise Pragmática da Narrativa, como propõe Motta. A retórica também foi considerada durante a pesquisa a partir dos jogos de palavras intencionalmente inseridos pelo narrador e que influenciam na persuasão, além de provocar efeitos de sentido por parte do leitor.

Palavras-Chave: jogos de palavras; narrativa; retórica; significados imaginários.

1. Introdução

A mídia não inventou o crime. Ela apenas registra e coloca os fatos à exposição pública. Para o sociólogo francês Edgar Morin (2004, p. 14), a função diária da mídia é contar histórias, mesmo as mais violentas, que ocorrem especialmente em grandes aglomerados urbanos. A mídia pode influenciar pessoas, mas não tem o poder que em geral lhe atribuem. Para o autor, o nosso problema é de civilização. A civilização tem uma inclinação ao trágico, à morte. O ser humano é estranho, adota atitudes estranhas e, por isso, formou uma civilização obtusa, estrábica. A violência que a mídia (também uma criação humana) ostenta é fruto do mundo que nós mesmos produzimos.

As sociedades sempre tiveram seus subterrâneos, submundos, espaços marginais, violência, criminalidade, etc. A mídia não inventou nada disso, embora torne esses fenômenos mais visíveis. [...] A mídia não inventou o crime, que faz parte da história da humanidade. Será que essas narrativas terríveis [da história da Chapeuzinho Vermelho em que a menina é devorada] não cumprem uma tarefa pedagógica: ensinar às crianças que existem coisas terríveis no mundo? Nem por isso as crianças, tornadas adultas, começam a devorar ou outros. A mídia não inventou o mal. (2004, p. 14)

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 19 a 21 de maio de 2016.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (PPG/FAC/UnB) na linha de Jornalismo e Sociedade. Mestre desde 2013 pela mesma instituição. Jornalista e professora do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB), email: isacoelho2@gmail.com.

Veículos de comunicação têm a perspicácia de produzir efeitos de sentido das mais variadas características. Do poético ao mais dramático, a intenção é sempre produzir um efeito de veracidade que corresponde ao fato tal qual ele aconteceu. No entanto, a função de causar vertentes de significações a partir da intenção primária de reforçar sentimentos pode ser explícita ou implícita, estar intencionalmente lançada nos recursos visuais inseridos na narrativa ou escondida nas entrelinhas por meio de recursos e figuras de linguagem.

A própria retórica se desdobra na performance de persuasão a partir do uso da linguagem. Segundo Aristóteles (1999), o convencimento do leitor acontece por meio de três instâncias: o *logos*, referente ao convencimento pela razão; o *pathos*, que se refere ao convencimento pela emoção; e o *ethos*, que é o convencimento pelas qualidades pessoais. Os meios de persuasão são divididos em duas instâncias pelo autor: não técnicos e técnicos. Os que independem da retórica como arte, por já preexistirem, são aqueles chamados de não técnicos. Aristóteles (1999, p. 86-89) os divide em cinco: as leis, os tratados, as testemunhas, os contratos (ou documentos), as confissões obtidas pela tortura, que era um meio de prova lícito na Grécia, e o juramento.

Por outro lado, há aqueles “dependentes da arte”, que são os técnicos. Estes são subdivididos em três espécies: o *ethos*, fundada no orador e que provoca o convencimento pelas qualidades pessoais; o *pathos*, no auditório e que se refere ao convencimento pela emoção; e o *logos*, no discurso e que se refere ao convencimento pela razão.

Entre os efeitos intencionais e aqueles que de fato se tornaram reais, o círculo interminável de jogos de sentido se tornam mais atuantes em impressos menos reconhecidos diante de uma característica popularesca e sensacionalista. Com linguagem informal e manchetes chamativas, os impressos populares são direcionados para o público que, em muitos dos casos, não possuem afinidade com a leitura de jornais conhecidos como elitistas. Assim, os tabloides populares precisam adequar a publicação de cada edição ao perfil dos receptores.

Além disso, interesse público se opõe ao interesse do público e, uma vez que esses jornais investem em entretenimento, podem captar a atenção daqueles que compram o diário não apenas para se informar, como também para conhecer receitas, ler horóscopos, fazer cruzadinhas, e se atualizar sobre a vida dos famosos. Assim, pode-se dizer que eles servem também ao interesse do público. Ao contrário, interesse público tem relação com os critérios de noticiabilidade que variam entre proximidade geográfica, notoriedade, atualidade e veracidade, conforme exemplifica Wolf (1987).

Portanto, compreender quais os efeitos de sentido que os jornais populares produzem na construção de narrativas de criminalidade e como isso repercute na mente dos receptores por meio dos significados imaginários é o ponto central deste artigo.

2. As características dos jornais populares

A morte é noticiário tanto de jornais elitistas tanto quanto daqueles reconhecidos como populares, conforme ressalta Angrimani (1995). A diferença, portanto, é que um corpo estendido no chão se torna manchete de capa dos impressos de até R\$ 0,99 mesmo sem relevância de interesse público nem de critérios de noticiabilidade, novamente classificados por Wolf (1987). Neste caso, a vida é banalizada em detrimento de maior venda de jornais, conquista de leitores e captação de público assíduo. A morte no jornalismo é diariamente narrada por repórteres como sendo uma realidade quase que cotidiana das mais diversas regiões do país. E o drama se torna elemento substancial da vida real. Inclusive manchetes de títulos que expressam noticiários policiais se tornam preferência no gosto de um público que se insere como personagens da trama que é costurada com base no tempo real. O jornal quer seduzir o leitor com informações que vendam cada vez mais edições dos títulos.

Deve-se dizer que tanto o leitor do jornal “sóbrio”, quanto aquele que prefere o sensacionalismo, se interessa pelo crime, pelo rapto, pelo acidente, pela catástrofe. O que vai fazer com que o mercado se divida e haja um público exclusivo para o veículo sensacionalista é a linguagem, a linguagem editorial que é a forma de se destacar uma foto, tornar o texto mais atraente, enfim, a busca de um equilíbrio entre ilusão e texto, além da preferência por matérias originadas de *fait divers* (ANGRIMANI, 1995, p. 54).

No caso da imprensa popular, os jornais são provocadores de riso e repulsa, seduz. Traz o leitor para perto da narrativa de forma a hipnotizá-lo e envolvê-lo naquilo que o representa, que subverte ao bom gosto, que espelha um espírito fraco e sublimador das suas frustrações (até mesmo libidinosas). O rebaixamento de padrões é inerente a todos e o gosto pelo grotesco ultrapassa o pensamento de que o consumo desse importante fenômeno estético é privilégio das classes mais pobres.

Por trás da máscara, a elite é também público identificado com esse padrão de falta de espírito forte e de repetição exaustiva do banal, a que Nietzsche chamou de “asno” (Ecce Homo). Asno, burro são variações zoológicas da Besta, são inclinações fatais para o grotesco chocante. Animalizar-se ou não afigura-se como o dilema principal da cultura excrementícia. (SODRÉ e PAIVA, 2002, p.151-152)

O gosto pelo terrível e o desconcertante é a garantia da permanência do grotesco na história, nas artes e também nas mídias contemporâneas. O rebaixamento erguido por uma combinação de diferentes elementos capazes de suscitar uma cadeia padronizada de reações no público, como o riso, a repulsa e o espanto é o ponto de partida para a construção de significados imaginários e sensações.

Com efeito, não se trata aí do mero feio, mas do grotesco, um tipo de criação que às vezes se confunde com as manifestações fantasiosas da imaginação e que quase sempre nos faz rir. É algo que se tem feito presente na Antiguidade e nos tempos modernos. (SODRÉ e PAIVA, 2002, p.19).

Nietzsche afirma que “a preferência pelos acontecimentos terríveis é um sintoma de força (da alma)”. (NIETZSCHE *apud* SODRÉ; PAIVA). E, mais que uma tarefa de reconhecimento desta “simbiose” entre público e grotesco, entender que o alimento da audiência por essa categoria estética é fruto de uma construção social que passa pela cultura popular. Explorar a história e a antropologia dessa construção do grotesco pretende permitir o entendimento das reações do público (riso, espanto, repulsa, medo) como espelho – reflexo das próprias monstruosidades.

Este artigo trabalha inicialmente com a hipótese de que a violência social é construída dramaticamente pelos jornais conhecidos como populares e provoca significados imaginários na mente desses receptores. Recorrendo às figuras de linguagem como hipérbole, que intensifica e exagera a ocorrência dos fatos, e a metáfora, que substitui palavras e expressões sem relação com o real e contribui para que o imaginário do leitor associe e depreenda sensações e emoções, a narrativa das reportagens policiais acaba por se tornar um elemento sensacional de valorização dos acontecimentos policiais.

O objetivo, portanto, é estudar os efeitos de sentido dramáticos das reportagens policiais do jornal *Na Hora H*. A finalidade da pesquisa é avaliar como a narrativa da editoria de polícia contribui para que os leitores depreendam sensações de desconforto perante o que é oferecido. A coleta das reportagens durante o fim de semana não entrou na análise, porque aos sábados e domingos o impresso não circula. A averiguação ocorreu a partir da metodologia pragmática proposta por Motta com o recurso da retórica que considera os argumentos como fonte de persuasão.

2.1 Processos e narrativas do jornalismo popular

O jornalismo popular se refere a um tipo de imprensa baseada em temáticas próximas ao público-leitor, que se refiram aos seus sentimentos em relação ao contexto em que são inseridos. De acordo com Amaral (2006), tudo isso funciona para causar empatia imediata entre essas pessoas e o jornal. Para Barbosa (2004), esse é o chamado fluxo do sensacional. O termo sensacional diz respeito ao gosto popular por temáticas que apelam às sensações; que provocam emoções; que colocam como prioritários conteúdos que fogem do comum; que apelam ao extraordinário. Angrimani (1995) completa que sensacionalismo é tornar sensacional um fato jornalístico que, em outras circunstâncias editoriais, não mereceria esse tratamento.

Como o adjetivo indica, trata-se de sensacionalizar aquilo que não é necessariamente sensacional, utilizando-se para isso um tom escandaloso, espalhafatoso. Sensacionalismo é a produção de noticiário que extrapola o real, que superdimensiona o fato. [...] O trinômio escândalo-sexo-sangue aponta, pois, para os três níveis de maior enfoque do jornal sensacionalista. (ANGRIMANI, 1995, p.16, 17)

Sentimento de revolta, insegurança, impunidade, passividade ou mesmo medo por parte do público alvo são algumas respostas às diferentes formas de violência que ocorrem e são retratadas diariamente na mídia brasileira. Devido ao grande número de noticiários que envolvem criminalidade, casos bárbaros despertam a atenção da sociedade e se tornam fatores de noticiabilidade dos tabloides.

A noticiabilidade é constituída pelo conjunto de requisitos que se exigem dos acontecimentos para adquirirem a existência pública de notícia. Não adquirindo o estatuto de notícia, o acontecimento é excluído do elenco de informações midiáticas e permanece como "matéria-prima". Para adquirir o nível de notícia, portanto, o fato necessita ter as qualidades chamadas valores-notícia, cujo referente comum devem ser sempre a realidade. (WOLF, 1987)

A violência foi e continua sendo no presente um assunto diário nas páginas dos *tabloides* e nos meios de comunicação social em todo o Brasil. A partir das narrativas de fatos violentos do cotidiano, o *tabloide* ganha muitas vezes o epíteto de sensacionalista.

O jornalismo é o elo que, nos processos sociais, cria e mantém as mediações viabilizadoras do direito à informação. Eis aí o vínculo com o princípio ético universal que deve orientar a moral das ações jornalísticas e em função do qual o jornalista assume a responsabilidade consciente pelos seus *fazeres* profissionais. (CHAPARRO, 1994, p.23)

De acordo com Bourdieu (2006), tal busca incessante por notícias sensacionalistas é motivada pela ideia de sucesso no mercado de mídia. Isto cria uma brecha para a construção

de histórias demagógicas - espontâneas, intencionais, intencionalmente espontâneas, ou seja, maneiras sentimentais e terapêuticas de mobilizar sentimentos.

A origem do jornalismo sensacionalista surgiu na imprensa desde os primórdios. O termo esteve presente desde a origem da imprensa na França e nos Estados Unidos. Entre 1560 e 1631 surgia na França os jornais *Nouvelles Ordinaires* e *Gazette de France*. Angrimani explica que a *Gazette* se parecia com os jornais sensacionalistas que são feitos atualmente, trazendo *fait divers* fantásticos e notícias sensacionais que agradavam a todos.

Entretanto, antes desses dois jornais já tinham aparecido brochuras chamadas de *occasionnels*, onde predominavam o exagero, a falsidade, imprecisões e inexatidões. Esses *occasionnels* também relatavam o *fait divers*. Segundo Angrimani, o termo *fait divers*³ é uma “rubrica sob a qual os jornais publicam com ilustrações as notícias de gêneros diversos que ocorrem no mundo” (1995, p. 19).

Pequenos escândalos, acidentes de carro, crimes terríveis, suicídios de amor, operários caindo do quinto andar, roubo a mão armada, chuvas torrenciais, tempestade de gafanhotos, naufrágios, incêndios, inundações, aventuras divertidas, acontecimentos misteriosos, execuções, casos de hidrofobia, antropofagia, sonambulismo, letargia (...) (ANGRIMANI *apud* PIERRE LAROUSE, 1995, p. 25).

Nos Estados Unidos, o primeiro jornal americano tinha características sensacionalistas. Editado pelo inglês Benjamin Harris, o *Public Occurrences* teve apenas uma edição, onde informava aos leitores que uma epidemia de sarampo atingia a cidade de Boston, usando informações que chocaram os leitores.

Porém, é no final do século XIX que surgem dois periódicos que moldam o gênero sensacionalista, dando características que são utilizadas nos dias de hoje: o *World* e o *Journal*. Os dois jornais se enfrentaram e usaram como arma o sensacionalismo. A origem “imprensa amarela” surge nessa época. No Brasil, a “imprensa amarela” - *Yellow Press* - utilizada para definir jornais sensacionalistas nos Estados Unidos é substituída pelo termo “imprensa marrom”. Quando um veículo é acusado de ser sensacionalista, o termo é usado.

O jornal *Notícias Populares*, conhecido como *NP*, circulou em São Paulo de 1963 a 2001 e ficou conhecido pelas reportagens violentas, sexuais e sensacionalistas. Na época da morte dos integrantes do grupo Mamonas Assassinas, o diário *NP* divulgou as fotos dos corpos dos cantores, provocando o repúdio de outros impressos da época, como *O Estado de S. Paulo*.

³ Termo introduzido por Roland Barthes, no livro *Essais Critiques* (1964), que significa fatos diversos que cobrem escândalos, curiosidades e bizarrices

O já extinto *Notícias Populares* decidiu comprar um pacote de fotos com os corpos da banda Mamonas Assassinas, cujo jatinho tombara com uma montanha. As imagens de corpos transfigurados, nacos de couro cabeludo, membros espalhados pelo topo de um terreno rochoso, foram recusadas por jornais como *O Estado de S. Paulo*, pelo mau gosto, mas publicadas pelo *NP* na semana do sepultamento (JUNIOR PEREIRA, 2006, p. 74).

3. Procedimentos metodológicos

Para realizar a Análise Pragmática da Narrativa no período determinado optou-se, primeiramente, em recorrer às três instâncias expressivas propostas por Motta (2005) com base na divisão analítica de Todorov (1970). São elas: o plano da expressão, que engloba a linguagem; o plano da estória ou do conteúdo em si; e o plano da metanarrativa, que seria o tema de fundo.

A metodologia observa o contexto em que os textos são produzidos, isto é, existe um narrador jornalístico que relata o cotidiano da cidade para os leitores. Seguindo o pensamento de Motta, a análise da narrativa incide principalmente sobre o plano da estória, uma vez que, de acordo com o referido autor, o foco está na sequência das ações, encadeamentos, enredo, intriga, conflito, cenários, personagens, seus papéis ou funções. Mas este plano é dependente do plano do discurso ou da linguagem, sem o qual a estória não se projeta e as intenções comunicativas não se revelam. Além disso, a observação dificilmente se completará se relegar pouca atenção à relação entre os modelos de mundo ou metanarrativas de fundo (o terceiro plano) e os planos da linguagem e da estória, particularmente sobre a articulação entre os modelos de mundo e os sentidos da estória.

Assim, a divisão ocorre como propõe Motta:

1) Plano da expressão:

Análise textual das matérias, com foco retórico, em figuras de linguagem, em palavras chaves do texto, personagens da notícia. É a primeira etapa da análise que contempla o texto e a linguagem, através da qual o enunciado narrativo é construído pelo narrador. De acordo com Motta, é neste plano, portanto, que a análise pode identificar os usos estratégicos da linguagem para produzir determinados efeitos de sentido tipo comoção, medo e riso.

Segundo a linguista Magda Velloso Fernandes de Tolentino⁴, a metáfora é uma relação verbal condensada em que uma ideia, imagem ou símbolo pode, através da presença

⁴ Doutora em linguística e professora do Departamento de Letras da Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ) no estado de Minas Gerais

de uma ou mais ideias, imagens ou símbolos, ser enriquecida em viveza, complexidade ou quantidade de implicações. A autora aborda o fato de que Lakoff e Johson classificam a metáfora como um elemento não apenas presente na linguagem, mas também no pensamento e na ação humana.

Eles concluem que nosso sistema conceitual comum, que orienta nosso pensamento e nossas ações, é fundamentalmente metafórico por natureza. Nossa percepção é construída em cima de nossos conceitos, assim como nossas ações e nossas relações com outras pessoas. Nem sempre, entretanto, nós temos plena consciência de nosso sistema conceitual, e agimos e pensamos mais ou menos automaticamente. Lakoff e Johson partem então do estudo da linguagem para mostrar como este sistema é elaborado e também como ele é culturalmente diferenciado (TOLENTINO *apud* LAKOFF e JOHSON, 1990, p. 78)

Já a hipérbole, segundo o dicionário Larousse, destaca como uma figura de retórica que consiste na ênfase resultante de um exagero de palavras a partir do uso de expressões taxativas. Por sua vez, Sarmiento (2005) caracteriza a hipérbole como o “exagero de linguagem a fim de intensificar uma ideia” (2005, p. 576).

2) Plano da estória (conteúdo, enredo, intriga):

É a construção dos sentidos. A partir das reportagens se verificam os significados: o que foi que o narrador quis dizer? Que sentimentos, emoções ele provocou? De que forma representou a violência no texto (com que palavras)? Que significados cada matéria constroem sobre violência?

Essa segunda etapa é o plano virtual da estória projetada na mente dos receptores pelos recursos de linguagem. Plano da *diegese*, universo da significação, representação, campo dos significados imaginados. É onde os significados aparecem.

3) Plano da metanarrativa (tema, fábula, modelos de mundo):

Nesta etapa, busca-se a memória da violência no país. Como a matéria constrói culturalmente a violência no Brasil? Quais os valores que os brasileiros cultuam? Onde foi parar a cordialidade brasileira? É o plano que evoca imaginários culturais. Segundo Motta, é a instância em que temas ou motivos de fundo ético ou moral integram as ações da estória em uma estrutura compositiva cultural pré-textual, de caráter antropológico. São situações éticas fundamentadas por um narrador no momento em que ele se põe a narrar, como os temas da fidelidade, fé, confiança no futuro, felicidade, revolução, conspiração corrupção, exploração,

traição, temor à morte, temor a Deus, o crime não compensa, o herói, o duplo, erro e castigo, triunfo e recompensa, e tantos outros temas, mitos ou motivos

4. Primeira etapa da análise: o plano da expressão

Data	<i>Na Hora H</i>
1/5/2013	<p>Manchete: “Vai reinar na penitenciária”;</p> <p>Figuras de linguagem: metáfora, hipérbole;</p> <p>Ação relatada: a ficha criminal de um jovem de 18 anos que acumula seis homicídios e uma tentativa de assassinato.</p>
2/5/2013	<p>Manchete: “Briga por lote deu morte”;</p> <p>Figuras de linguagem: hipérbole;</p> <p>Ação relatada: o homicídio de um homem de 35 anos que teria discutido sobre a propriedade de um lote em uma área irregular de Ceilândia.</p>
3/5/2013	<p>Manchete: “Assassino matou para roubar”;</p> <p>Figuras de linguagem: hipérbole, metáfora;</p> <p>Ação relatada: o desfecho da conclusão do inquérito policial sobre a morte da professora Christiane Mattos, de 37 anos, assassinada no Parque da Cidade.</p>
6/5/2013	<p>Chamada: “Trinta e três horas de medo”;</p> <p>Figuras de linguagem: hipérbole, metáfora, perífrase;</p> <p>Ação relatada: sequestro relâmpago de um homem de 29 anos que foi rendido enquanto entrava no carro.</p>
7/5/2013	<p>Chamada: “Picape usada como arma”;</p> <p>Figuras de linguagem: hipérbole,</p>

	<p>metáfora;</p> <p>Ação relatada: Hamilton dos Santos, 55 anos, morreu após ser atropelado por se recusar a deixar uma fazenda na área rural.</p>
8/5/2013	<p>Chamada: “<i>Mesmo condenado, ele nega</i>”;</p> <p>Figuras de linguagem: metáfora, hipérbole, metonímia, perífrase;</p> <p>Ação relatada: garçom de 42 anos que foi condenado a oito anos de prisão por estupro de vulnerável. A vítima tinha 14 anos.</p>
9/5/2013	<p>Chamada: “<i>Casal esculachado no lar</i>”;</p> <p>Figuras de linguagem: hipérbole, metáfora;</p> <p>Ação relatada: assalto a uma casa de Samambaia resultou em agressão às duas vítimas de 44 e 43 anos. O homem foi espancado e torturado. A mulher sofreu tentativa de estupro.</p>
10/5/2013	<p>Chamada: “suspeitos de pedofilia”;</p> <p>Figuras de linguagem: metáfora, perífrase, metonímia;</p> <p>Ação relatada: Dois homens presos por abusarem sexualmente da filha e da enteada, ambas com sete anos.</p>

4.1. Segunda etapa da análise: o plano da estória

Pertencente ao grupo do *Jornal de Brasília*, o impresso popular *Na Hora H* utiliza expressões textuais que intensificam o valor do fato e dão novo sentido ao acontecimento com jogos de palavras. As presenças das figuras de linguagem, como a hipérbole e metáfora, são incisivas nos textos jornalísticos do tabloide em questão, entretanto com um linguajar mais popularesco. O vocabulário empregado é exagerado, sendo demasiadamente dramático e denso, quando há presença de hipérbole. As expressões textuais, de certa forma, tendem a aumentar o sentido da transmissão da mensagem e provocam, no leitor, um sentido emocional diante da narrativa informativa.

É o caso das reportagens do dia 1^a e 2 de maio que mencionam: “apesar de pouca idade ele tem uma ficha criminal longa” e “barbárie em uma das regiões de maior tensão fundiária no Distrito Federal”, além de “A.S.S., 35 anos, foi executado com pelo menos oito tiros”. O primeiro período do dia 1^a de maio provoca uma sensação de alta criminalidade principalmente por se tratar de um jovem que recentemente teria alcançado a maioridade já tinha acumulado seis homicídios e uma tentativa de assassinato. É como se a prática da violência não tivesse fim. O sentimento por parte do receptor, neste caso, é de uma legislação branda que, embora em casos específicos puna o menor infrator com medidas socioeducativas, em no máximo três anos ele volta às ruas e caso não haja um acompanhamento por meio de políticas públicas do estado comete os mesmos antecedentes criminais.

Os dois períodos do segundo dia de maio também remetem à falta de segurança no solo da capital. A hipérbole utilizada por meio de jogos de palavras, como “barbárie” e “maior tensão fundiária do DF”, provoca um imaginário de medo, insegurança e falta de policiamento ostensivo na região em questão. Ainda se tratando da mesma figura da linguagem em questão, a hipérbole, as reportagens do dia 6, 7 e 9 de maio retratam novamente a intensificação e o exagero. No primeiro dia a expressão “a vítima foi espancada várias vezes, levou coronhadas no rosto, desmaiou e foi abandonado em um terreno baldio no Núcleo Bandeirante” narra a sequência do sofrimento de uma vítima até ser abandonada em um local ermo e escuro. O homem de 29 anos ficou sob o poder dos sequestradores por 33 horas e, ao se deparar com a leitura da reportagem, o receptor idealiza um universo de extrema violência e tragédia sem pudor ou receio de serem presos pela Polícia Civil do Distrito Federal. Neste caso, inclusive, ninguém foi detido pelo crime.

Por sua vez, a segunda presença mais pontual no que se refere à figura de linguagem foi a metáfora. A narrativa da reportagem do dia 1^a de maio retrata a prisão de um jovem de 18 anos com pelo menos seis antecedentes criminais. A narrativa traz expressões metafóricas como, “mais um que se achava majestade vai reinar na jaula”, e “o homicídio e a tentativa teriam ocorrido no momento em que Wenderson e o cunhado teriam saído para comprar mais bagulho”. É explícita a intenção do *Na Hora H* em associar palavras menos formais que dão sentidos aos significados. O linguajar popularesco do tabloide, ao mesmo tempo em que pode aproximar os leitores de classe C e D, também reflete uma característica grotesca a partir do jogo de palavras intencionais, gírias e jargões que, em ocasiões específicas, podem ser vistas como sensacionalismo e exagero.

É o caso, inclusive, das narrativas do dia 7 e 8 de maio que relatam “faroeste na área rural do DF” e “agora vai cumprir a pena na Papuda”. Além das duas figuras de linguagem mais impactante que aparecem na maioria dos textos do *Na Hora H* – metáfora e hipérbole –, outra expressão que se fez foi a denominada perífrase. Caracterizando os suspeitos de crimes como ladrões e tarados, a exemplo das reportagens do dia 6, 8 e 10 de maio, os adjetivos empregados ocasionam no imaginário do leitor uma agressividade e violência a partir da forma exagerada do jornal relatar o fato e já acusar um homem que ainda não foi julgado criminalmente. Também há, em duas ocasiões, a presença de metonímia que consiste na aplicação de um termo por outro.

4.1.2. Terceira etapa da análise: o plano da metanarrativa

Nas reportagens analisadas do jornal *Na Hora H* é perceptível a intenção pré-textual da própria linha editorial que já acusa os supostos meliantes com as palavras “bandidos”, “criminosos”, “acusado”, “ladrão”, “tarado”, mesmo antes do indivíduo ser julgado pela justiça. Culturalmente a ideia de que a prisão ocorre com pessoas geralmente acusadas de algum delito contribui para que os impressos populares tratem e adjetivem o suspeito do crime como réu. Possivelmente, para se aproximar dos leitores de impressos populares, o jornal ainda retrata o Complexo Penitenciário da Papuda ou o Presídio Feminino do Distrito Federal, popularmente chamado de Colméia, como “cadeia”, “xilindró”, “grades” e “xadrez”. Com uma linguagem popular, os termos linguísticos empregados tendem a ser de certa forma propositais e as expressões textuais acabam sendo utilizadas como estereótipos com a pretensão de mostrar ao público alvo a violência de forma exagerada, intensiva e de certa forma dramática.

As manchetes de capa também tendem a persuadir o leitor com chamadas culturalmente populares a partir de figuras de linguagem logo no primeiro contato do receptor com o jornal. São frases impactantes que aumentam o valor do fato e dão uma dimensão maior da história. As palavras utilizadas são jargões populares que contribuem para uma aproximação com o público alvo. Além disso, uma característica do veículo é provocar uma reflexão de valores morais nos leitores ainda no *lead*.

É o caso da primeira reportagem analisada do dia 1^a de maio que inicia com “mais um que se achava majestade vai reinar na jaula! ”. O mesmo acontece no dia 6 de maio. A narrativa tem início com a frase “haja sufoco e medo!”. Os recursos empregados remetem culturalmente a uma sensação de drama atrelado ao populismo. É como se o jornal preparasse

o receptor para o que vai ler nas linhas abaixo. Entretanto, a forma como o *Na Hora H* emprega o recurso, em alguns casos, se torna uma forma exagerada de direcionar a informação para o público de classe C e D. A reportagem do dia 8 de maio, por exemplo, fornece um *lead* fora da língua portuguesa culta. A matéria jornalística começa com “olha só a cara de pau desse acusado de abuso sexual! ”. É como se o impresso inserisse dentro da própria narrativa os valores culturais e morais de cada cidadão interpretado pelos próprios fornecedores de informação: a mídia.

As reportagens policiais assumem um destaque entre as demais editoriais do jornal *Na Hora H*. Pertencente ao grupo do *Jornal de Brasília*, o impresso assume características voltadas a um público de classe C e D e, por isso, a narrativa se volta aos leitores que são o alvo consumidor da notícia. Portanto, a criminalidade que acontece no Plano Piloto acaba sendo cobertura secundária diante das demais regiões administrativas do Distrito Federal e metropolitanas da capital. A preferência significativa do impresso é pela violência fora do centro de Brasília que acaba sendo de maior intensidade.

Entretanto, um acontecimento de cárcere privado, estupro, restrição de liberdade e homicídio que acontece no Plano Piloto e em regiões privilegiadas de Brasília, como Lago Norte e Sul, além do Sudoeste, Cruzeiro, Guará e Águas Claras têm mais destaque se comparado a criminalidade corriqueira em demais regiões do DF. O jornal, dependendo da história, privilegia o noticiário da violência em Brasília e nas regiões que abrigam a classe social mais alta. Possivelmente em razão do mesmo pensamento cultural de que nos lugares mais pobres o crime já é rotina, o que pode ser tema de outro estudo.

Nestes casos, há um estereótipo de destaque para o crime que aconteceu no centro da capital. As circunstâncias remetem a uma cultura de que a maior parte da criminalidade acontece há quilômetros de Brasília, onde há maior incidência de desigualdade entre os indivíduos de diferentes classes sociais.

5. Considerações finais

No mundo midiático contemporâneo a criminalidade e as narrativas acerca dos índices de violência ocupam uma posição de destaque tanto nos jornais elitistas quanto nos populares. As reportagens publicadas nas páginas impressas dos veículos de comunicação funcionam como elementos produtores de sentido. Se a mídia não promove discussões sobre determinado assunto, o que possibilita um crescimento da democracia e conscientização da população, as reportagens, produtos da notícia, acabam apresentando uma cobertura superficial dos fatos.

Devido ao desejo de informar a sociedade sobre a violência dos dias atuais a imprensa comete deslizes e a objetividade, clareza, isenção de interesses acabam sendo cada vez mais ausentes nas informações dos cadernos de polícia.

Para compreender a forma de construção da notícia policial tentou-se identificar as figuras de linguagem, principalmente a hipérbole e metáfora, empregadas nas narrativas jornalísticas. São as expressões textuais que provocam no imaginário do receptor sensações variadas a partir do que foi relatado. Diante do que é consumido pelo leitor o sentimento depreendido pode ser de medo, insegurança, temor, vulnerabilidade e, inclusive, inconformidade social. Por outro lado, uma reportagem que evoca a ação policial, a prisão de suspeitos e o combate da criminalidade contribui para uma sensação de controle da violência, participação do Estado em coibir práticas criminosas e policiamento ostensivo.

Mas, a identificação das formas textuais só foi possível após uma revisão de conceitos a respeito da noticiabilidade, narrativa, cultura jornalística e sensacionalismo. Para Arbex (2001), “desde sempre, os veículos de comunicação disputaram o mérito de ser aquele que ‘divulga os fatos’ de maneira ‘exata’, ‘objetiva’ e ‘verdadeira’, como uma espécie de espelho fiel dos ‘fatos objetivos’” (ARBEX JÚNIOR, 2001, p.105). No entanto, o artigo permitiu observar e verificar que a exatidão e a objetividade são deixadas de lado, para que as notícias provoquem as sensações a partir do modo como elas foram construídas e veiculadas.

Conseqüentemente, se identificou que as palavras informais e expressões coloquiais provocam efeitos de sentido na mente dos leitores. Assim, no início, o que parecia ser apenas hipóteses de todo um arcabouço teórico se confirmou ao longo das análises. Dessa forma, se verificou-se que as reportagens policiais do *Na Hora H* contribuem para as mais diversas sensações e emoções no imaginário do receptor.

O significado mais profundo que as matérias criam é o da impotência diante das ‘tragédias’, da ‘violência’, do crime. São populações inteiras que ajudam a vender jornais, mas que só se tornam personagens das notícias quando são vítimas. Os resultados mostraram que as narrativas do tabloide não estimulam as transformações sociais especialmente nas áreas de maior risco.

Referências

AMARAL, M. F. **Jornalismo popular**. São Paulo: Contexto, 2006.

ANGRIMANI, D. **Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa**. São Paulo: Summus, 1995.

ARBEX JÚNIOR, J. **O jornalismo canalha: a promíscua relação entre a mídia e o poder.** São Paulo: Casa Amarela, 2003.

ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética.** 14. ed. São Paulo: Ediouro, 1999.

BARBOSA, M.; ENNE, A.L. O jornalismo popular, a construção da narrativa e o fluxo do sensacional. **Eco-Pós (UFRJ)**, Rio de Janeiro, v. 8, p. 67-87, ago-dez. 2006.

BARTHES, R. **Structure du fait divers, Essais critiques.** Paris: Seuil, 1996

BOURDIEU, P. **Sobre a televisão.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

CHAPARRO, M.C. **Pragmática do jornalismo: buscas práticas para uma teoria da ação jornalística.** São Paulo: Summus, 2003.

JUNIOR, L.C.P. **A apuração da notícia: métodos de investigação na imprensa.** Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

LAROUSSE, C. **Grande Dicionário Larousse Cultura da Língua Portuguesa.** São Paulo: Nova Cultural, 1999.

MORIN, Edgar. A comunicação pelo meio: teoria complexa da comunicação. In: MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado da. (Orgs.) **A genealogia do virtual: comunicação cultura e tecnologias do imaginário.** Porto Alegre: Sulina, 2004, p. 11-19.

MOTTA, L.G. Narrativas jornalísticas e conhecimento de mundo: representação, apresentação ou experimentação da realidade?. In: PEREIRA HENRIQUE, F.; MOURA OLIVEIRA, D.; ADGHIRNI LEAL, Z. (Org.). **Jornalismo e Sociedade. Teorias e Metodologias.** Florianópolis: Insular, 2012.

_____. **Narratologia. Teoria e Análise da Narrativa Jornalística.** Brasília: Casa das Musas, 2005.

SODRÉ, M; PAIVA, R. **O Império do Grotesco.** Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

TOLENTINO, M.V. Muito além das metáforas. In: PONTES, E. (Org.). **A metáfora.** 2. ed. Campinas: Editora Unicamp, 1990.

WOLF, M. **Teoria da comunicação.** 1. ed. Lisboa: Editora Presença, 1987.